

O Boletim de Conjuntura (BOCA) publica ensaios, artigos de revisão, artigos teóricos e empíricos, resenhas e vídeos relacionados às temáticas de políticas públicas.

O periódico tem como escopo a publicação de trabalhos inéditos e originais, nacionais ou internacionais que versem sobre Políticas Públicas, resultantes de pesquisas científicas e reflexões teóricas e empíricas.

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona maior democratização mundial do conhecimento.



BOLETIM DE CONJUNTURA

BOCA

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://revista.ufr.br/boca>

ISSN: 2675-1488

<http://doi.org/10.5281/zenodo.3909889>



O PAPEL DA GEOGRAFIA DIANTE DA PANDEMIA DA COVID-19

Victor Hugo Nedel Oliveira¹

Resumo

Neste ensaio problematizam-se algumas reflexões acerca das contribuições do campo da Geografia nas análises sobre a pandemia da COVID-19.

Palavras chave: COVID-19; Geografia; Pandemia.

Abstract

In this essay some reflections on the contributions of the field of Geography are taken for granted related to study of the COVID-19 pandemic.

Keywords: COVID-19; Geography; Pandemic.

O mundo foi surpreendido, na virada de 2019 para 2020, com a chegada da maior pandemia dos últimos 100 anos, a partir de uma nova classe do coronavírus, o SARS-CoV-2, que causa a doença chamada COVID-19 (SENHORAS, 2020). Vários estudos recentes (WANG *et al*, 2020; LIU *et al*, 2020; ZHU *et al*, 2020) vêm realizando as primeiras análises dos impactos deste vírus e, igualmente, comprovando a necessidade da tomada imediata de medidas de contenção da proliferação. Inspirado no texto de Silva (2020), que nos leva a pensar sobre o papel do historiador diante da pandemia, o objetivo central deste ensaio é promover reflexão sobre o papel do geógrafo diante do mesmo contexto e desafio: a pandemia da COVID-19.

Em uma leitura inicial, há que se tencionar se trataríamos apenas do papel do “geógrafo” diante do atual contexto, já que aí se encontra um marcador de gênero que merece atenção e debate. Seria possível utilizar, por exemplo, os recursos linguísticos que se têm utilizado recentemente, como a inclusão das letras “x” ou “e”, ou ainda do símbolo “@” para poder dar conta da diversidade de gêneros e suas identidades. Ainda assim, estaríamos entrando em outra discussão, que diz respeito aos bacharéis (geógrafos) ou licenciados (professores) de Geografia. Em um entendimento de que aqueles que fazem a ciência geográfica acontecer são os licenciados e bacharéis e, ainda, de que o gênero não se constitui como atribuição de qualidade do que se produz, assume-se que o texto pretende abordar as questões da Geografia – como um todo – diante dos contextos apresentados pela pandemia do novo coronavírus.

¹ Doutor em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Licenciado e Mestre em Geografia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor do Departamento de Humanidades da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). E-mail para contato: victor.juventudes@gmail.com



Para entender o papel da Geografia no contexto analisado, antes se faz necessário revisitar a conceituação do objeto de estudo da ciência, o espaço geográfico, já definido por Santos (1996) como sendo “um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá” (p. 32). A complexidade do conceito apresentado por Santos demonstra, igualmente, o compromisso epistêmico do campo da Geografia, ao buscar entender o espaço e suas variantes, processos e associações. Essa ideia de um entendimento sobre o objeto de estudo da ciência geográfica também pode ser lido a partir da obra de Lacoste (1988) “A Geografia – isto serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra”, quando o autor critica a neutralidade que se buscava com uma ciência que, por sua natureza, proporciona a crítica aos fenômenos e acontecimentos da natureza e da sociedade.

Parte-se para a breve composição analítica sobre os seguintes tópicos da Geografia e suas relações com o cenário encontrado a partir da pandemia da COVID-19: globalização; espacialização/cartografia; demografia; urbanização; economia e política. Trata-se de espectros ou lentes analíticas na busca da compreensão de uma análise espacial mais ampla do fenômeno em tela, ou seja, é a partir do entendimento estrutural de cada uma das possibilidades analíticas que se constrói a leitura da conjuntura do atual momento.

Em uma primeira leitura é possível conceber que a doença se dispersou por meio aéreo (DUMONT, 2020) para então converter-se em pandemia. Sob esse olhar, entende-se a relevância do paradigma da globalização nesse contexto, uma vez que o mundo nunca esteve tão conectado como está hoje. As novas tecnologias da informação e comunicação conectam as pessoas e instituições e as rotas aéreas permitiram aproximações dos diferentes espaços do globo e em poucas horas se atravessa um oceano, por exemplo, e foi por esse meio que o vírus se espalhou pelo espaço global. É evidente que os processos da globalização, por mais publicidade que tenham, são excludentes e o exemplo mais notório é que, no caso brasileiro, a doença se propagou, inicialmente, nas camadas mais ricas da população, a que estava em contato com o meio de transporte aéreo intercontinental, para, somente depois, alastrar-se para as demais parcelas da população.

Outro aspecto importante que merece análise é a espacialização do vírus e como esse processo é registrado através da cartografia. Richter e Nascimento (2020) propuseram material cartográfico para o ensino de Geografia sobre a COVID-19, no qual fica evidente a necessidade de pensar, espacialmente, os processos de dispersão, concentração e proliferação do vírus nos mais diversos cenários, sejam em escala local, regional, nacional e global. A cartografia, então, emerge como recurso essencial para que os dados – que cada vez mais ganham volume sobre a doença, por mais que o governo federal tente



escondê-los – sejam entendidos em uma leitura de espaço, que possibilita compreensão em escala ampla sobre os fenômenos envolvidos na pandemia.

O entendimento médico-biológico de que o afastamento entre as pessoas colabora na prevenção da contaminação também pode ser lido a partir da Geografia, uma vez que tratam de pessoas e suas movimentações no espaço, ou seja, uma leitura demográfica. Os geógrafos Spósito e Guimarães (2020) encaminham reflexão sobre a circulação de pessoas na difusão da pandemia da COVID-19. Uma vez que o vírus tem maiores índices de propagação no contato humano – humano, o mundo se viu com a necessidade de afastamento/distanciamento/isolamento corporal. Repare-se que não se utilizou a expressão “distanciamento social”, pois a maioria das pessoas continua – ou ampliou – seu contato com as demais, principalmente a partir do uso das tecnologias, o que corrobora com o entendimento de que o afastamento amplamente recomendado é o corporal, ou seja, entre os corpos, mas não entre as pessoas.

Nessa leitura, outro tópico a ser destacado trata-se das análises urbanas que podem ser encaminhadas a partir da pandemia. Soares e Ugalde (2020) apresentam importantes contribuições ao campo analítico que a Geografia tem a oferecer em meio à COVID-19, a partir de análises que versam sobre a velocidade de dispersão o vírus, inicialmente em aglomerações urbanas e regiões metropolitanas e, posteriormente, indo para cidades médias e pequenas. Ainda, apresentam o tensionamento entre os aspectos fundamentais sobre o direito e acesso a moradia. De que adiantaria apregoar, constantemente, a campanha do “fique em casa” se um significativo número da população brasileira não tem acesso às condições mínimas de dignidade na moradia, no saneamento e aos demais aspectos de saúde, emprego e alimentação, por exemplo.

Avançando nesse caminho, as discussões econômicas também se tornam importantes de serem incluídas nas análises geográficas. Aqui não se pretende, sob nenhuma hipótese, colocar à economia por cima da vida das pessoas, como o atual governo insiste em fazer. Não há economia sem pessoas e para que a economia possa voltar, as pessoas são fundamentais nesse processo. Garante-se, primeiro, a vida. Depois se organiza a economia. Esse entendimento lógico adotado em países com governos sérios e comprometido com a vida de suas populações pareceu longe do entendimento do governo brasileiro que pouco ou nada soube lidar, até agora, com a maior crise sanitária do último século. A Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL, 2020) já alertou que a pandemia de COVID-19 levará à maior contração da atividade econômica na história da região. Em países que pensaram primeiro na vida das pessoas – que produzem economia – a retomada poderá ser antecipada, em comparação com os países que unicamente olharam para a economia, insistindo para que o comércio, a indústria e os serviços não parassem. Trata-se, portanto, de que tipo de economia? A do capital ou a do social?



Por fim, os temas da política, como alguns dos já apontados são fundamentais de serem analisados nos contextos de crise. A geopolítica global, que teve momentos altos e baixos ao longo desse processo pandêmico, e as políticas internas dos países merecem amplas análises em meio à conjuntura que se instalou. As múltiplas formas de como lidar com o vírus e suas diversas consequências muito diz respeito sobre as opções políticas e o próprio caráter dos detentores do poder. Em outro texto, já alertávamos: “Bolsonaro é perverso! Tem lidado com a pandemia como se fosse algo menor e sem importância. Desrespeita as orientações das autoridades de saúde, indicadas por ele mesmo, ao sair em espaços públicos e gerar aglomerações” (OLIVEIRA, 2020). As investidas – ou a falta delas – do presidente do Brasil no âmbito da saúde demonstram não apenas seu despreparo técnico em lidar com o tema, mas também de que lado da história se posiciona. Para além do tema da saúde, em um país que está há mais de um mês sem ministro da saúde no meio de uma pandemia, o governo federal não cansa de atacar áreas que são estratégicas para o desenvolvimento nacional, como educação, ciência e tecnologia, direitos humanos e infraestrutura e os exemplos não são poucos, ao contrário, são vistos em abundância.

Qual é o papel da Geografia, portanto, nesse contexto? Afirma-se que não é o papel de “fazer a guerra”, mas de promover os espaços de análise sobre a variedade de aspectos que podem ser analisados sobre a pandemia e seus desdobramentos. Entender as causas, a partir da globalização; mapear os dados e informações, a partir da cartografia; debater as consequências demográficas, urbanas, econômicas e políticas são exemplos de como a ciência geográfica vem “servindo” nesses últimos tempos. Para além de anunciar informações, a ciência, como um todo, tem o papel fundamental de denunciar as atrocidades e afrontas que podem ser observadas nas mais diversas realidades, inclusive – e principalmente – na brasileira.

REFERÊNCIAS

CEPAL - Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe. “Pandemia de COVID-19 levará à maior contração da atividade econômica na história da região: cairá -5,3% em 2020”. **Portal Eletrônico da CEPAL** [21/04/2020]. Disponível em: <<https://www.cepal.org>>. Acesso em: 26/06/2020.

DUMONT, Gérard-François. “Covid-19: fim da geografia da hiper mobilidade?” **Espaço e Economia**, n. 18, abril, 2020.

LACOSTE, Yves. **A geografia – isso serve, em primeiro lugar para fazer guerra**. Campinas: Papirus, 1988.

LIU, Zhonghua *et al.* “The epidemiological characteristics of an outbreak of 2019 novel coronavirus diseases (COVID-19) in China”. **Chinese Medical Association Publishing**, vol. 41, n. 2, 2020.



OLIVEIRA, Victor Hugo Nedel Oliveira. “‘COVIDamos’ em um mundo globalizado”. **Life Research Group** [03/04/2020]. Disponível em: <<https://liferesearchgroup.wordpress.com>>. Acesso em: 26/06/2020.

RICHTER, Denis; NASCIMENTO, Diego Tarley Ferreira (orgs.). **Cartografia da Covid-19: orientações para uso no ambiente escolar** [2020]. Disponível em: <<https://lepeg.iesa.ufg.br/p/32483-cartografia-da-covid-19>>. Acesso em: 26/06/2020.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.

SENHORAS, Elói Martins. “Coronavírus e Educação: Análise dos Impactos Assimétricos”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 2, n. 5, 2020.

SILVA, Michel Goulart da. “O papel do historiador diante da pandemia”. **Boletim de Conjuntura (BOCA)**, vol. 3, n. 7, 2020.

SOARES, Paulo Roberto Rodrigues; UGALDE, Pedro Azeredo de. “Uma Geografia da pandemia do coronavírus no RS”. **UFRGS: Jornal da Universidade** [14/05/2020]. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/jornal>>. Acesso em: 26/06/2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão; GUIMARÃES, Raul Borges. “Por que a circulação de pessoas tem peso na difusão da pandemia”. **UNESP** [26/03/2020]. Disponível em: <<https://www2.unesp.br>>. Acesso em: 26/06/2020.

WANG, Chen *et al.* “A novel coronavirus outbreak of global health concern”. **The Lancet**, vol. 395, February, 2020.

ZHU, Na *et al.* “A Novel Coronavirus from Patients with Pneumonia in China, 2019”. **The New England Journal of Medicine** [20/02/2020]. Disponível em: <<http://doi.org/10.1056/NEJMoa2001017>>. Acesso em: 26/06/2020.



BOLETIM DE CONJUNTURA (BOCA)

Ano II | Volume 3 | Nº 7 | Boa Vista | 2020

<http://revista.ufrr.br/boca>

Editor chefe:

Elói Martins Senhoras

Conselho Editorial

Antonio Ozai da Silva, Universidade Estadual de Maringá

Vitor Stuart Gabriel de Pieri, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Charles Pennaforte, Universidade Federal de Pelotas

Elói Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Julio Burdman, Universidad de Buenos Aires, Argentina

Patrícia Nasser de Carvalho, Universidade Federal de Minas Gerais

Conselho Científico

Claudete de Castro Silva Vitte, Universidade Estadual de Campinas

Fabiano de Araújo Moreira, Universidade de São Paulo

Flávia Carolina de Resende Fagundes, Universidade Feevale

Hudson do Vale de Oliveira, Instituto Federal de Roraima

Laodicéia Amorim Weersma, Universidade de Fortaleza

Marcos Antônio Fávaro Martins, Universidade Paulista

Marcos Leandro Mondardo, Universidade Federal da Grande Dourados

Reinaldo Miranda de Sá Teles, Universidade de São Paulo

Rozane Pereira Ignácio, Universidade Estadual de Roraima